

FORMAÇÃO DE LEITORES NO ENSINO FUNDAMENTAL I: UMA EXPERIÊNCIA COM O CANTINHO DA LEITURA E A LEITURA EM VOZ ALTA

Sonali Duarte Jerônimo de Sousa¹
Fabíola Jerônimo Duarte de Lira²

RESUMO

Este artigo relata uma experiência pedagógica realizada com uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental I, centrada na formação de leitores a partir da implementação do "Cantinho da Leitura" e da leitura em voz alta mediada pela professora. A prática envolveu a participação ativa dos alunos na organização diária do espaço, a leitura compartilhada de obras da literatura infantil e o uso de microfone e caixa de som como recursos motivadores. A proposta teve como objetivo despertar o prazer pela leitura e fomentar o protagonismo infantil no processo de construção da competência leitora. Fundamentado em autores como Paulo Freire, Rildo Cosson, Fanny Abramovich e Magda Soares, o estudo discute o papel do professor como mediador e destaca a relevância do ambiente alfabetizador na constituição do sujeito leitor. Os resultados evidenciam que o contato cotidiano com os livros, aliado à escuta atenta e à valorização da oralidade, contribui significativamente para o desenvolvimento do gosto pela leitura e para o fortalecimento da autonomia leitora das crianças.

Palavras-chave: formação de leitores; leitura em voz alta; cantinho da leitura; mediação.

1 Introdução

Formar leitores é um dos principais desafios e compromissos da escola contemporânea, especialmente nos primeiros anos do Ensino Fundamental I. A leitura, além de constituir habilidade essencial à alfabetização, é um direito social e cultural que deve ser garantido a todas as crianças (Soares, 2004). Reconhecer esse direito implica compreender que ler não se resume à decodificação de códigos, mas envolve participar de práticas sociais complexas, que mobilizam linguagem, imaginação, sensibilidade, criatividade e criticidade. Nesse sentido, a leitura deve ser entendida como uma experiência integral, capaz de conectar o indivíduo com o mundo, com a cultura e com os outros.

Segundo Freire (1996, p. 11), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”,

¹ Especialista em Estudos sobre a Linguagem: Teoria e Ensino (ESTEIO) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); sonaly_med@yahoo.com.br;

² Doutoranda em Linguística pelo Proling/Universidade Federal da Paraíba-PB (UFPB), fabiola-mf@hotmail.com.



pois antes de aprender a ler textos escritos, a criança precisa compreender e interpretar os fenômenos de seu cotidiano, relacionando-os a seus conhecimentos prévios e experiências. A escola, portanto, tem papel fundamental ao criar oportunidades de leitura significativas, permitindo que os estudantes não apenas decifrem palavras, mas se constituam como sujeitos críticos e reflexivos, capazes de compreender e transformar a realidade à sua volta.

Nesse contexto, a prática pedagógica relatada neste artigo descreve e analisa a criação e implementação do “Cantinho da Leitura” em uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental I. Esse espaço foi planejado para estimular a escuta atenta, o protagonismo infantil e o contato com a literatura de maneira lúdica e envolvente, promovendo experiências de leitura que vão além do aprendizado técnico. O Cantinho da Leitura funcionou como ambiente de exploração e descoberta, no qual os alunos puderam vivenciar a leitura como prática social, estabelecer relações afetivas com os livros e expressar suas interpretações e sentimentos sobre as narrativas apresentadas.

A relevância dessa experiência dialoga diretamente com políticas públicas de incentivo à leitura no Brasil, como o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) e o PNLD Literário, que reforçam a importância de garantir às crianças, desde os primeiros anos de escolaridade, o acesso a obras literárias diversificadas e de qualidade. Ao oferecer um espaço estruturado e acolhedor para o contato com a leitura, o Cantinho da Leitura contribui para a formação de leitores críticos, autônomos e engajados, ampliando horizontes culturais, fortalecendo o desenvolvimento da linguagem e incentivando a construção de identidades leitoras desde a infância.

Além disso, a experiência apresentada evidencia que práticas pedagógicas intencionais, fundamentadas em princípios de humanização, empatia e participação ativa, podem transformar a relação da criança com a leitura, tornando-a não apenas um instrumento de aprendizado escolar, mas também um meio de interação social, de expressão pessoal e de construção do conhecimento. Ao proporcionar atividades diversificadas, como contação de histórias, rodas de leitura e momentos de expressão artística, a escola cumpre seu papel de mediadora cultural, promovendo o acesso ao patrimônio literário e contribuindo para a formação integral dos estudantes.

2 Fundamentação Teórica: O direito à leitura e a formação de leitores na infância



O direito à leitura é reconhecido como um elemento central da educação, não apenas como habilidade técnica de decodificação, mas como prática social, cultural e humanizadora. Antonio Candido (2006) defende que a literatura não é um luxo, mas uma necessidade humana, capaz de ampliar a experiência de vida, mobilizar emoções e favorecer a formação ética. Ler é, portanto, participar de um processo de construção da subjetividade e de compreensão do mundo, transcendendo o caráter meramente normativo ou instrumental da leitura. É neste sentido que Soares (2004) reforça essa perspectiva ao afirmar que a leitura deve ser compreendida como um direito social, sendo a escola o espaço privilegiado para que crianças possam vivenciar práticas de letramento que extrapolem a mera alfabetização, garantindo que ler seja também uma forma de engajamento crítico com o mundo.

Ao considerar a leitura como prática histórica e culturalmente situada, Chartier (1990) destaca que as práticas de leitura variam de acordo com os suportes, os espaços e as mediações sociais. Assim, formar leitores não significa apenas oferecer textos, mas criar condições materiais e simbólicas que favoreçam o acesso e a experiência plena da leitura. Nesse sentido, o ambiente escolar deve ser pensado como espaço alfabetizador, capaz de promover encontros significativos com a literatura, mediando o contato das crianças com múltiplos gêneros, narrativas e autores, favorecendo a construção de sentidos compartilhados.

A literatura infantil desempenha papel crucial na formação da subjetividade, na ampliação da imaginação e na sensibilização das crianças. Por isso, Abramovich (1997) ressalta que ler para crianças significa oferecer mundos imaginários que possibilitam o desenvolvimento da sensibilidade e do senso crítico. Ademais, Bettelheim (2002), por sua vez, evidencia que contos e histórias infantis auxiliam na elaboração simbólica de conflitos internos, cumprindo funções psíquicas e sociais que contribuem para a compreensão das emoções, relações e desafios da vida. Petit (2008) complementa ao destacar que a leitura constitui também um espaço de acolhimento, especialmente relevante em contextos de vulnerabilidade social, promovendo segurança, pertencimento e construção de identidades.

Para que a leitura seja efetivamente significativa, é imprescindível que haja mediação docente. Além disso, Vygotsky (2003) enfatiza que o aprendizado se dá nas interações sociais, de modo que a presença de um mediador sensível e intencional



transforma a leitura em experiência estética, crítica e vivencial. Para Cosson (2006) reforça que o letramento literário envolve a apropriação crítica da literatura como prática cultural, simbólica e estética, na qual o leitor não apenas decifra códigos, mas interpreta, ressignifica e experiencia o texto. Nesse processo, a mediação não se limita à leitura em voz alta, mas se estende à provocação de reflexões, questionamentos e diálogos, ampliando as possibilidades de compreensão e engajamento com a obra.

A leitura deve ser compreendida como prática social e dialógica. Bakhtin (2003) argumenta que todo ato de linguagem é portador de vozes sociais e contextos culturais, e a leitura, portanto, não ocorre isoladamente, mas em constante interação entre leitores, textos e contextos. Geraldi (1997) reforça que ensinar a ler significa ensinar a dialogar com o texto, a reconstruí-lo e a atribuir-lhe sentidos próprios, promovendo experiências coletivas de aprendizagem e de compartilhamento de significados.

A criação de ambientes alfabetizadores que favoreçam a leitura é, portanto, uma estratégia fundamental para a formação de leitores críticos e engajados. Zilberman (1985) lembra que ninguém nasce leitor, e Jolibert (1994) acrescenta que a oralidade desempenha papel central nesse processo, permitindo que a leitura seja também uma prática de escuta, compartilhamento e interação social. Criar espaços como o Cantinho da Leitura, com livros acessíveis, organização acolhedora e estímulos ao protagonismo infantil, materializa esses princípios e amplia a experiência de leitura para além da sala de aula.

O Cantinho da Leitura se configura, portanto, como prática pedagógica que concretiza esses princípios, promovendo a construção de subjetividades leitoras e oferecendo experiências significativas de letramento literário desde os primeiros anos escolares.

3 Análise e Discussão

A experiência com o Cantinho da Leitura revelou múltiplas dimensões do processo de formação de leitores e da prática pedagógica, destacando-se a mediação docente, a oralidade, o protagonismo infantil, a inclusão e a construção de um letramento literário crítico. Cada um desses elementos contribuiu de maneira integrada para a promoção de uma educação literária significativa e socialmente engajada.

A mediação da professora desempenhou papel central, funcionando como ponte entre o texto e os alunos, possibilitando interpretações mais profundas e experiências de



leitura compartilhadas. Atuando de forma interativa, sensível e problematizadora, a docente incentivou a reflexão, o questionamento e a construção coletiva de sentidos, transformando cada momento de leitura em uma oportunidade de aprendizagem complexa e significativa. Essa prática dialoga com Vygotsky (2003), que afirma a importância do adulto como mediador do aprendizado, responsável por ampliar as potencialidades cognitivas e sociais da criança. Cosson (2006) também reforça que a mediação é essencial no letramento literário, pois permite que o aluno viva a literatura não apenas como leitura técnica, mas como experiência estética, simbólica e culturalmente rica.

A oralidade foi outra dimensão fortalecida pelo projeto. A leitura em voz alta, combinada com o uso de microfone e caixa de som, incentivou os alunos a desenvolverem entonação, ritmo e projeção da voz, promovendo confiança e expressividade. Jolibert (1994) destaca que a prática da oralidade vai além da decodificação, envolvendo comunicação, percepção estética e compartilhamento de significados. Nesse contexto, o microfone assumiu um papel lúdico e motivador, tornando-se símbolo de protagonismo e visibilidade, especialmente para crianças mais tímidas ou inseguras. A performance da leitura, portanto, não apenas auxiliou no desenvolvimento da oralidade, mas também fortaleceu a autoestima, a expressão pessoal e a capacidade de comunicação em grupo.

O protagonismo infantil se manifestou de forma consistente ao longo da experiência. As crianças não apenas leram, mas comentaram, interpretaram, recomendaram livros e compartilharam vivências com os colegas. Essa postura evidencia a transformação do aluno de receptor passivo para sujeito ativo da leitura, em consonância com Geraldi (1997), que considera a autoria e a participação crítica como aspectos centrais da formação leitora. Ao se envolverem na seleção de livros, na leitura em voz alta e na socialização de suas interpretações, os alunos passaram a reconhecer seu papel como produtores de sentido, fortalecendo autonomia, criatividade e responsabilidade sobre sua aprendizagem.

O projeto também se destacou pela promoção da inclusão e valorização da diversidade. Alunos em fase inicial de alfabetização, bem como aqueles mais tímidos, sentiram-se encorajados a participar ativamente, o que reforça o caráter democrático da literatura enquanto prática cultural (Candido, 2006). O acervo diversificado do Cantinho da Leitura, ao contemplar diferentes gêneros, autores e temáticas, possibilitou que cada



criança encontrasse narrativas que dialogassem com suas experiências e identidades, promovendo pertencimento, reconhecimento e valorização da pluralidade cultural. Dessa forma, o espaço se consolidou como ambiente de aprendizado inclusivo, que acolhe diferenças e oferece oportunidades equitativas de participação e expressão.

Além disso, as leituras realizadas estimularam reflexões sobre valores sociais, empatia, respeito às diferenças e diversidade cultural, consolidando a proposta de letramento literário crítico defendida por Cosson (2006). A interação entre leitura, oralidade, diálogo e reflexão permitiu que os alunos desenvolvessem competências cognitivas, socioemocionais e éticas de forma integrada. O Cantinho da Leitura tornou-se, assim, um espaço de formação integral, no qual as crianças puderam construir sentido, compartilhar experiências, reconhecer sua própria voz e a dos colegas, e ampliar a compreensão sobre o mundo e as relações sociais.

Em síntese, a experiência demonstrou que o Cantinho da Leitura vai muito além de um espaço físico ou de uma prática de leitura em voz alta. Ele articula mediação docente, oralidade, protagonismo, inclusão e letramento crítico, consolidando princípios fundamentais da educação literária contemporânea. Ao promover a leitura como prática social, estética e ética, o projeto contribuiu para a formação de sujeitos críticos, autônomos, empáticos e capazes de participar de forma ativa na construção de uma cultura de valorização da diversidade e da cidadania.

4 Resultados

A implementação do Cantinho da Leitura na turma do 2º ano do Ensino Fundamental I revelou efeitos significativos sobre os alunos, tanto no desenvolvimento da competência leitora quanto na construção de atitudes críticas e reflexivas em relação à leitura e ao mundo. Observou-se que a presença de um espaço dedicado à leitura, aliado a mediação docente sensível e participativa, proporcionou uma experiência de aprendizagem diferenciada, na qual as crianças puderam se reconhecer como sujeitos ativos e produtores de sentido.

A mediação docente mostrou-se decisiva para a criação de um ambiente alfabetizador estimulante. A professora conduziu as leituras de forma interativa, utilizando perguntas de antecipação de sentido, pausas estratégicas para comentários e exploração das ilustrações, o que facilitou a compreensão textual e a interpretação crítica.



Os alunos responderam de maneira engajada, demonstrando maior atenção, curiosidade e prazer na leitura. Além disso, a professora promoveu reflexões sobre valores sociais, incentivando a identificação com personagens, a empatia e a expressão de sentimentos e opiniões.

A oralidade foi intensamente desenvolvida por meio das leituras em voz alta e da utilização do microfone. Este recurso tecnológico lúdico não apenas motivou os alunos, mas também fortaleceu a confiança, a entonação, a dicção e a projeção vocal. Crianças mais tímidas ou com dificuldade de alfabetização se sentiram encorajadas a participar, evidenciando que a performance da leitura contribui para o protagonismo infantil e para o desenvolvimento socioemocional. A prática mostrou que a leitura em voz alta é uma ponte para a expressão individual e para a construção de laços coletivos entre colegas.

O protagonismo infantil se evidenciou quando os alunos passaram a voluntariar-se espontaneamente para ler, interpretar e comentar os textos, bem como recomendar livros aos colegas. Esse comportamento indicou a consolidação da leitura como prática social e autônoma, em consonância com o conceito de autoria leitora de Geraldi (1997). A participação ativa fortaleceu a autoestima, a autonomia e a capacidade de argumentação dos estudantes, evidenciando que o Cantinho da Leitura não é apenas um espaço físico, mas um ambiente de formação integral.

Outro resultado importante foi a promoção da inclusão e valorização da diversidade. O acervo literário selecionado contemplou múltiplos gêneros, autores e temáticas, oferecendo oportunidades de identificação e reconhecimento cultural para todas as crianças. Alunos em processo inicial de alfabetização, bem como aqueles com maior timidez, conseguiram se envolver e expressar suas ideias, evidenciando que práticas literárias bem mediadas contribuem para o acolhimento, a igualdade de participação e a construção de um ambiente democrático e plural.

Por fim, a experiência favoreceu o desenvolvimento de um letramento literário crítico, no qual a leitura foi compreendida como prática dialógica, estética e ética. Os alunos aprenderam a dialogar com os textos, refletir sobre valores sociais, questionar ideias e compartilhar interpretações, fortalecendo competências cognitivas, socioemocionais e éticas. A combinação de mediação docente, leitura em voz alta, protagonismo infantil e diversidade de materiais literários evidenciou que a literatura é ferramenta potente para a formação de sujeitos críticos, empáticos e culturalmente



conscientes.

5 Considerações Finais

A experiência do Cantinho da Leitura demonstrou que a formação de leitores vai muito além do desenvolvimento da técnica de decodificação. O projeto evidenciou que a leitura deve ser compreendida como prática social, estética, emocional e ética, capaz de promover o protagonismo infantil, a inclusão e a valorização da diversidade cultural.

A mediação docente mostrou-se essencial, permitindo que as crianças se engajassem com os textos de forma crítica, reflexiva e participativa. Ao transformar a leitura em experiência coletiva e significativa, a professora possibilitou que os alunos desenvolvessem competências de interpretação, oralidade, comunicação e expressão, além de favorecer a construção da autoestima e do senso de pertencimento. A utilização de recursos lúdicos, como o microfone, reforçou o caráter motivador da atividade e contribuiu para a inclusão de alunos mais tímidos ou com dificuldades de alfabetização.

O protagonismo infantil revelou-se como um aspecto central da experiência, permitindo que os estudantes se percebessem como sujeitos ativos, capazes de interpretar, recomendar e socializar leituras. Essa postura evidencia que a leitura pode ser ferramenta de empoderamento e de construção de autonomia, fortalecendo o senso crítico e a capacidade de diálogo entre pares.

A diversidade de materiais literários, contemplando diferentes gêneros, autores e temáticas, reforçou o caráter democrático da prática e possibilitou que cada criança se reconhecesse na leitura. A experiência mostrou que a literatura infantil, quando utilizada de forma intencional e sensível, contribui significativamente para a formação da subjetividade, a ampliação de horizontes e a construção de valores éticos e sociais.

Em suma, o Cantinho da Leitura confirmou-se como um espaço alfabetizador e culturalmente relevante, capaz de promover letramento literário, protagonismo infantil, inclusão, empatia e reflexão crítica. Essa experiência reafirma a necessidade de práticas pedagógicas que reconheçam a leitura como direito social e como instrumento para a formação integral de sujeitos, preparando-os para a participação ativa, consciente e ética na sociedade.

Referências



- ABRAMOVICH, F. **Leitura e formação da subjetividade**. São Paulo: Cortez, 1997.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BETTELHEIM, B. **Psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- CANDIDO, A. **Formação da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: LTC, 1990.
- COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. Campinas: Mercado de Letras, 2006.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GERALDI, J. **Ler e aprender: questões sobre leitura e formação de leitores**. São Paulo: Scipione, 1997.
- JOLIBERT, A. **A alfabetização no cotidiano**. Lisboa: Universidade Aberta, 1994.
- SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. São Paulo: Contexto, 2004.
- SOLÉ, I. **Compreensão leitora: questões e estratégias**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- VILELA, V. **Mediação e letramento literário na escola**. Curitiba: Appris, 2019.
- VYGOTSKY, L. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ZILBERMAN, R. **Alfabetização e leitura: teoria e prática**. São Paulo: Cortez, 1985.

